

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS EVENTOS DE ORALIDADE E DE LETRAMENTO EM TERESINA: CARACTERIZANDO OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA ORALIDADE NA ESCOLA

Ana Cristina Pereira Araújo (bolsista do PIBIC/CNPq), Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (Orientadora Depart. De Letras-UFPI).

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar os resultados do projeto de iniciação científica “Variação linguística nos eventos de oralidade e de letramento em Teresina”. Com base no plano de trabalho, “Variação linguística nos eventos de oralidade e de letramento em Teresina: caracterizando os significados sociais de oralidade na escola”, a pesquisa teve como objetivos identificar, caracterizar e analisar os significados socioculturais das práticas de oralidade vivenciadas em uma escola em Teresina, incluindo os contextos sociais em que ocorrem essas práticas e seus significados socioculturais, para os agentes envolvidos no evento.

METODOLOGIA

A pesquisa em questão teve como base metodológica a Etnografia, que é uma metodologia de pesquisa, desenvolvido na antropologia, mas, posteriormente, absorvida pela sociolinguística, que tem como prática um conjunto de técnicas usadas para coletar dados para o estudo cultural de um determinado grupo social. Para a sociolinguística o foco está na descrição e análise da fala e nos seus diversos usos, enquanto parte da cultura. Razão por que a variação linguística aqui será considerada na análise de aspectos específicos das práticas da fala, da maneira como se situam no contexto social.

A pesquisa foi desenvolvida na Unidade Escolar Professor Joca Vieira, colégio que atende a um dos maiores bairros de Teresina, o São João. Ela foi dividida em duas etapas, a primeira foi o estudo dos aportes teóricos que a fundamentam e o contato inicial com a escola e a comunidade em que iríamos trabalhar. A segunda etapa foi o trabalho de campo propriamente dito: visitas rotineiras à escola, para a observação participante das aulas, principalmente de língua portuguesa, mas também de outros eventos ocorridos no ambiente escolar em que envolvesse a interação dos alunos e suas práticas de oralidade; e uso de entrevistas informais e gravações, quando possível. Desse modo, a pesquisa se fundou no acompanhamento das aulas de turmas de 9º do ensino fundamental, no intuito de identificar e avaliar as práticas orais ocorridas no ensino, sobretudo de língua materna.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a identificação e análise das práticas de oralidade ocorridas no contexto escolar foi, antes de tudo, essencial perceber as regras de interação que ocorrem na escola e hierarquização decorrente das mesmas, facilitando, desse modo, a compreensão dos significados dos eventos de oralidade. Assim, com base nos dados coletados foi possível

perceber que na escola a língua escrita é supervalorizada, prescindindo a oralidade, que não tem espaço no ambiente formal de ensino. Os professores se preocupam somente em transmitir os conteúdos tal qual se encontram no livro didático, através de cópias no quadro e reproduções no caderno. Nas aulas de Língua Portuguesa não é diferente, o ensino das regras da Gramática Normativa tem prestígio, e quase todas as atividades são escritas, como se pode observar nos eventos a seguir:

EVENTO: Aula de Língua Portuguesa – Ensino de Gramática.

PROPÓSITO: Ensinar o que são orações subordinadas.

PARTICIPANTES: Professor e alunos de 14 a 18 anos de idade (9º ano).

FORMA DE MENSAGEM: Oral e escrita.

REGRAS DE INTERAÇÃO: O professor detém o poder da fala e os alunos só devem se pronunciar quando perguntados ou autorizados.

PROFESSOR: Bom dia!

PROFESSOR: Hoje vamos continuar o assunto da aula passada, orações subordinadas substantivas, né?

(Ele pega o livro e escreve algumas frases no quadro)

PROFESSOR: Como nós vimos o que é orações coordenadas, agora a gente vai ver o que são as subordinadas. As orações subordinadas são aquelas que funcionam como termo essencial, integrante ou acessório da oração...

PROFESSOR: Vejam essa oração...

Maria sabe que não conseguiu o carro. (oração escrita no quadro)

PROFESSOR: “que não conseguiu o carro” é a oração subordinada porque depende de “Maria sabe” pra ter sentido, ou seja, está subordinada a ela.

O professor continua falando sobre as orações subordinadas, dizendo que existem as substantivas, adjetivas e adverbiais e etc. Em nenhum momento o professor faz perguntas para os alunos e estes também não falam nada, a maioria está atrás, dispersa. Ele não tenta contextualizar o assunto, administrar a bagagem que os alunos já possuem. Eles parecem que estão perdidos na aula, desorientados, por isso nem questionam nada. Poucos alunos prestam atenção a aula, e os que o fazem, que são somente os que sentam nas fileiras iniciais, ainda assim parecem não entender nada. O restante dos alunos não se atenta para o que o professor está falando, conversam entre si sobre outras coisas e até mesmo ficam de costas para o professor. Outros ficam escutando música pelo celular ou vendo revistas de adolescentes.

Percebeu-se que mesmo os alunos não tendo espaço para o desenvolvimento das práticas de oralidade, por parte do professor, no ambiente formal da escola, a sala de aula, isso não impedia que os alunos a usassem entre si, sempre contando coisas do seu dia a dia, conversando e contando histórias.

CONCLUSÃO

Sabe-se que a prática oral deve existir em sala de aula, como consta na literatura, ressaltando suas características próprias, a diversidade de gêneros orais existentes e sua diferença para os gêneros escritos. E com o intuito de conscientizar o aluno de que a linguagem oral é diferente da escrita, cada uma possui traços e regras próprias, e que uma não pode ser aquela tentativa de reprodução da outra. Para, assim, levá-lo a construção do senso crítico, promovendo um aperfeiçoamento em sua prática oral. Infelizmente, não é o que vemos no ensino escolar.

Na pesquisa pudemos observar que a oralidade é colocada de lado, na instituição formal de ensino. Pois o aluno é sempre avaliado pelo que escreve, tendo a sua variedade falada estigmatizada. Ele não consegue ver uma utilização real para aquela língua que aprende na escola, percebendo o abismo existente entre a língua falada por ele e aquela vista como a “correta” na sala de aula. O aluno utiliza no convívio social uma variedade da língua diferente daquela ensinada na escola, enquanto esta apenas lhe impõe uma variedade totalmente alheia e descontextualizada da sua realidade, sem levar em conta o seu arcabouço linguístico.

Não se quer considerar a oralidade superior a escrita, pois ambos têm sua importância e papéis sociais definidos, assim, uma não é nem melhor nem pior que a outra, são ambas constituintes da língua e complementam-se. E é dessa forma que essa pesquisa quer contribuir para o ensino, desvelando essas, digamos, incoerências, que estão subjacentes no ensino de língua, para que elas sejam admitidas pela escola, forçando-a a uma nova postura. Já que essa agência que não tem só o papel de ensinar códigos, mas também de desenvolver o senso crítico e cognitivo do educando, contribuindo, assim, para a formação de pessoas conscientes do mundo que as cerca.

APOIO

Agradeço ao PIBIC/CNPq e a UFPI pelo apoio à pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSTA, Catarina de Sena S. M. da. Oralidade e letramento: uma forma de exclusão social? In: LIMA, Maria Auxiliadora F.; COSTA, Catarina de Sena S. M. da; ALVES FILHO, Francisco (Orgs.). **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 67-90.

ERICKSON, Frederick. Ethnographic description. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHIER, K (Eds.). **Sociolinguistics**: an international handbook of the science of language and society. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 1988.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. O reflexo dos processos sociais nas estruturas linguísticas. In: **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Maria da Glória Soares B. **Os usos cotidianos e as implicações educacionais**: uma etnografia. Teresina: EDUFPI, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.